

Introdução: (Re)Ler Max Weber, 100 anos depois

Ema Cláudia Pires, Maria da Saudade Baltazar e Maria Manuel Serrano

A Ciência como Vocação: (Re)Ler Max Weber reúne textos coligidos por ocasião da organização de um seminário, organizado no Departamento de Sociologia da Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora, em 7 de dezembro de 2017. Nesse seminário, e no presente livro, que dele decorre, discutimos as relações entre ciência e sociedade, os processos de construção social de ciência e os seus interfaces contemporâneos, dentro e fora do campo disciplinar da Sociologia. O nosso ponto de partida foi uma proposta de (re)leitura da conferência de Max Weber “A ciência como Vocação”. Problematizar e discutir a actualidade de reflexão de Weber – passado um século sobre a existência, enquanto produto do pensamento do autor, foi o mote lançado às/aos autoras/autores dos textos que compõem este livro.

Max Weber (1864-1920) é um académico poliédrico: perpassa a condição de historiador, economista, sociólogo. Conceptualiza a sociologia como uma ciência “que pretende compreender, interpretando-a, a acção social e, deste modo, explicá-la casualmente no seu decurso e nos seus efeitos. Por ‘acção’ deve entender-se um comportamento humano (quer consista num fazer externo ou interno, quer num omitir ou permitir), sempre que o agente ou os agentes lhe associem um *sentido* subjectivo. Mas deve chamar-se acção ‘social’ aquela em que o sentido intentado pelo agente ou pelos agentes está referido ao comportamento de outros e por ele se orienta no seu decurso (Weber, 2009, p. 21). Como nos lembra Anthony Giddens, Max Weber “elaborou o seu ponto de vista específico baseando-se em correntes de pensamento derivadas da história, da jurisprudência, da economia, da sociologia e da filosofia” (Giddens, 2000, p. 176). É à luz dessa polissemia disciplinar que os/as autores/as do presente livro dialogam (entre si, e com os textos de Max Weber) também a partir de diferentes campos disciplinares: da sociologia à história da ciência, da antropologia à teoria política. Os primeiros três capítulos desta obra, da autoria de Augusto Fitas, João Carlos Graça e José Manuel Resende, resultam de versões finais das comunicações que proferiram no seminário de Dezembro de 2017. Os restantes capítulos, foram regididos e auto-propostos depois do seminário, mas por ele foram, certamente influenciados.

A abrir, o físico Augusto Fitas, abre a discussão situando a “A problemática weberiana no contexto da história da ciência”. Com o “sentido de completar a influência das teses de Max Weber (1864-

1920) no campo da história da ciência” (Fitas, neste livro), Augusto Fitas convida o leitor a alargar epistemologicamente o seu olhar para uma lente angular de um cenário epistémico mais amplo, que transpõe fronteiras disciplinares e que configura o lugar do legado de Max Weber no seu tempo, e nos autores que influenciou e por quem foi influenciado.

Situado a partir do campo disciplinar da sociologia, o texto de João Carlos Graça, “Contributo para a compreensão de *A Ciência como Vocação*”, faz uma densa e articulada releitura da obra de Weber e conclui que “Reler Max Weber permite, assim, reencontrar várias ‘velhas’ questões atinentes à historicidade, à perenidade, mas também à fatuidade de muitos dos problemas da existência académica” (Graça, neste livro). É também sobre o mesmo horizonte analítico que versa o ensaio de *José Manuel Resende* “O tempo e o modo de fazer ciência em Portugal: a ciência carece hoje de sentido?”, ao situar o legado de Max Weber na contemporaneidade de epistémica do seu tempo e do nosso, sem abdicar “de tocar na docência e na investigação no estrito domínio da sua profissionalização” (Resende, neste livro).

Em “Sábios e professores. Da ciência como vocação e da docência sem paixão”, Rosalina Pisco Costa e Adriana Dias de Oliveira, relêem o texto de Max Weber em perspectiva dialógica: perspectivando-a no contexto de uma investigação empírica recente, realizada pelas autoras, numa instituição universitária de Portugal. As autoras concluem que a figura da autoridade do docente “só é legitimada pelos alunos se acompanhada de outras habilidades relacionadas com o reconhecimento por parte do professor da figura discente como sujeito activo na construção do conhecimento” (Costa e Oliveira, neste livro).

É sobre (i)racionalidade que trata o capítulo de Silvério da Rocha-Cunha, sob o título “Três considerações aporéticas em torno da ‘Jaula de ferro’ de Max Weber”. Aqui, Rocha-Cunha, situado a partir do campo disciplinar da teoria político-jurídica, problematiza o relativismo axiológico de Max Weber e dissectiona os antagonismos do processo de racionalização. Este ensaio amplia o horizonte da nossa discussão ao fazer deslizar o enfoque analítico da ciência e praxis académicas, no sentido estrito, para a relação entre o poder e a racionalização.

Numa linha de continuidade temática com o texto antecedente, o texto seguinte, “Racionalidade e vocação em Weber – Uma Releitura”, de Ricardo Sapia de Campos e Ema Cláudia Pires, problematiza a actualidade da conferência de Max Weber em torno dos eixos da racionalidade e da vocação na praxis científica e académica. Os autores

partem da polissemia dos textos de Weber para discernir a construção das figuras do intelectual e do académico, argumentando a favor da contemporaneidade da obra de Weber. Apesar da distância do tempo, as permanências que se verificam em 2017, como em 1917 são evidentes: “*Mutatis mutandis*, continuamos imbricados: entre ‘ciência como vocação’ produzida pela racionalidade do mundo moderno, e o espaço da política como o *locus* de possibilidades não necessariamente racionais” (Campos e Pires, neste livro).

Numa perspectiva complementar à de Ricardo Campos e Ema Pires, o ensaio de António Pedro Marques intitulado “A Ciência como Vocação no Contexto da Sociologia de Max Weber”, é focado numa leitura microscópica e detalhada do texto de Weber: “Foram escolhidos três parágrafos do texto de Weber de modo a que expressassem o acesso e a progressão das carreiras no ensino superior em Portugal, o *devoir* da ciência e as limitações à investigação e a postura que o professor deve ter perante os alunos” (Marques, neste livro).

Em contraponto com o capítulo antecedente, os autores Maria Manuel Serrano e Paulo Neto, no texto “Max Weber, a ciência, a educação e a profissão. Cem anos depois, os mesmos problemas e os desafios para o futuro” revisitam o texto de Weber colocando-o em perspectiva face à contemporaneidade que vivemos hoje nas universidades. Instigados pelas permanências que observam face aos condicionalismos retratados por Weber, Serrano e Neto promovem uma leitura dialógica de “identificação e reconhecimento dos factos que hoje enformam a ciência, a profissão docente e os desafios que os jovens licenciados enfrentam” (Serrano e Neto, neste livro).

Maria da Saudade Baltazar e Marcos Olímpio, no seu texto “Sobre a ciência como vocação 100 anos depois das reflexões de Max Weber: o lugar de uma Sociologia da Ação”, partem das ideias de Max Weber para uma análise comparativa sobre os desafios que os dois autores enfrentam enquanto investigadores (e docentes) implicados na análise da complexidade de processos de intervenção social. A partir do sentido da ciência moderna, na perspetiva weberiana, discute-se o papel da sociologia da ação num novo século, relevando as ligações significativas entre conceitos.

A finalizar esta introdução, as coordenadoras do presente livro gostariam de agradecer aos/às autores/as, e a todas as instituições que colaboraram no Seminário e contribuíram para a presente publicação. Um agradecimento particular é devido ao apoio institucional que *(Re)ler Max Weber* recebeu dos seguintes centros de investigação,

financiados pela FCT: Centro de Investigação em Ciência Política (CICP), Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais (CICS.NOVA. UÉvora) e Instituto de História Contemporânea (IHC.UÉvora).

Referências Bibliográficas:

WEBER, Max (2009) *Conceitos Sociológicos Fundamentais*, Lisboa: Edições 70, ISBN: 978-972-44-1559-8

GIDDENS, Anthony (2000) “Max Weber: o Protestantismo e o Capitalismo”, *Capitalismo e Moderna Teoria Social*, Lisboa: Editorial Presença, pp. 175-190.